

Mártires queer: Stonewall, religião e inclusão nos Estados Unidos

Queer Martyrs: Stonewall, Religion, and Inclusion in The United States

Ana Ester Pádua Freire *
André Sidnei Musskopf **

Resumo

A reivindicação da cidadania religiosa de pessoas LGBTQIAPN+ dentro das instituições religiosas tem gerado grande sofrimento a quem se entende como parte de uma tradição religiosa historicamente hegemônica. Tais situações configuram formas de violência religiosa que ultrapassam o campo de instituições específicas e se manifestam na cultura como parte do que se tem chamado de LGBTfobia. É no contexto desses enfrentamentos que se situam aquilo que se está se propondo chamar “martírio *queer*”. Nessa reflexão particular, o contexto privilegiado para a identificação das fontes e análise do tema em discussão é a emergência e desenvolvimento do que se convencionou chamar de “Igrejas inclusivas” no contexto estadunidense. Como exemplo de mártires queer, serão apresentadas as trajetórias de duas personagens fundamentais para a história das “Igrejas inclusivas” no mundo – a transativista Sylvia Rivera e o Reverendo Troy Perry, das *Metropolitan Community Churches*.

Palavras-chave: LGBTQIAPN+. *Metropolitan Community Churches*. Igrejas inclusivas.

Abstract

The demand for religious citizenship by LGBTQIAPN+ people within religious institutions has caused an enormous suffering for those who see themselves as part of a religious tradition. Such situations constitute forms of religious violence that go beyond the field of specific institutions and manifest themselves in culture as part of what has been called LGBTphobia. It is in the context of these confrontations that what we are proposing to call “queer martyrdom” takes place. In this particular reflection, the privileged context for identifying sources and analyzing the topic under discussion is the emergence and development of what have come to be called “inclusive churches” in the US context. As examples of queer martyrs, the trajectories of two key figures in the history of “inclusive churches” around the world will be presented – the transactivist Sylvia Rivera and Reverend Troy Perry, of the *Metropolitan Community Churches*.

Keywords: LGBTQIAPN+. *Metropolitan Community Churches*. Inclusive Churches.

Artigo submetido em 23 de julho de 2024 e aprovado em 18 de dezembro de 2024.

* Doutora e mestra em Ciências da Religião, pela PUC Minas. País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0001-5188-1520. E-mail: anaesterbh@gmail.com.

** Doutor e mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia/Faculdades EST. País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0002-4801-1062. E-mail: asmusskopf@hotmail.com.

Introdução

As múltiplas experiências religiosas identificadas através de suas linguagens acontecem num campo de disputa que inclui não apenas aquilo que é definido e definível como “religião”, mas também aquilo que é entendido como dissidente, geralmente apontado como herético ou heterodoxo pelas tradições religiosas hegemônicas. Gênero e sexualidade¹, como elementos constituintes das experiências humanas e, portanto, das próprias experiências religiosas e suas formas de comunicação, têm sido usados como elementos tanto de estabilidade, quanto de ruptura de instituições estruturadas em torno da ideia de religião e/ou das experiências religiosas. Desde a divisão sexual do trabalho religioso, passando pelas expressões religiosas (mitos, ritos, símbolos e doutrinas) até o acesso aos bens religiosos, tudo o que compõe os fenômenos religiosos têm sido disputados e determinados a partir de compreensões sobre gênero e sexualidade em todas as tradições e contextos.

Particularmente no Ocidente e no campo cristão, questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero que estão fora das fronteiras da cisheteronormatividade têm gerado grandes disputas nas diversas denominações e Igrejas. A reivindicação da cidadania religiosa de pessoas LGBTQIAPN+² a partir de uma mudança de compreensão, tanto no campo científico quanto no político, dentro das instituições religiosas, tem gerado grande sofrimento a quem se entende como parte de uma tradição religiosa particular e hegemônica, produzindo estudos e discussões intermináveis sobre a possibilidade de “aceitação” dessa realidade e até resultando em cismas eclesiais. Tais situações configuram formas de violência religiosa que ultrapassam o campo de instituições específicas e se manifestam na cultura como parte do que se tem chamado de LGBTfobia. É no contexto desses enfrentamentos que se propõe expressar o “martírio *queer*”.

O conceito de cidadania religiosa que aqui exploramos faz menção à experiência religiosa vivida de maneira digna, respeitando o ser humano em sua

¹ Entende-se gênero e sexualidade neste artigo como um complexo conjunto de elementos que constituem as identidades e identificações de indivíduos e grupos sociais a partir de elementos biológicos, culturais e políticos atravessadas por questões de poder (aquilo que Foucault chamou de “dispositivo da sexualidade” – Foucault, 1988).

² LGBTQIAPN+: Lésbica, Gay, Bissexual, Trans, Queer, Intersexual, Pansexual, Assexual, Não-binário e outras.

integralidade. A cidadã e o cidadão religioso são aqueles que transformam e são transformados pela tradição por meio da vivência autônoma de práticas, ritos e doutrinas que organizam a religião.

Nessa reflexão, o contexto privilegiado para a identificação das fontes e análise do tema em discussão é a emergência e desenvolvimento do que se convencionou chamar de “Igrejas inclusivas” no contexto estadunidense. Segundo Natividade (2010), Igreja inclusiva é uma autodenominação religiosa, marcada pela aceitação ampla, mas não irrestrita de dissidentes sexuais e de gênero. Nos Estados Unidos, essa denominação surgiu no final da década de 1960, no auge dos movimentos identitários, a partir da criação das *Metropolitan Community Churches* - MCC³ (Freire, 2019). Segundo Cris Serra (2020), a MCC é a primeira denominação cristã dedicada expressamente à diversidade sexual e de gênero. Fundada em 1968, em Los Angeles, nos Estados Unidos, pelo Reverendo Troy Perry, a Igreja se destaca por ser uma denominação autodenominada inclusiva, sendo expressamente pró-LGBTQIAPAN+.

O ano de 1968 foi marcado por um período de efervescência social simbolizado pelo “Maio de 1968”. A data passou para história pelo movimento estudantil francês que, no dia 2 de maio de 1968, fez um protesto contra a divisão dos dormitórios entre homens e mulheres na Universidade de Nanterre. O que estava por trás da ação era a revolta contra o conservadorismo da época. O que começou como reivindicação contra a pauta de costumes, culminou na luta pela renúncia do então presidente francês, Charles de Gaulle. O dia 18 de maio foi marcado por uma greve geral que contou com a adesão de cerca de 9 milhões de trabalhadores e trabalhadoras. Segundo Arcary (2008, p. 204),

o Maio francês foi uma revolução política derrotada, pois De Gaulle e o regime da V República sobreviveram, mas, ainda assim, foi uma revolução. E, mesmo derrotada, abriu caminho para reformas, entre elas, mudanças socioculturais progressivas que eram inadiáveis. Os direitos da mulher passaram a ser parte da agenda política: o direito ao divórcio, a legalização do aborto, a criminalização da violência doméstica, entre outros, encontraram reconhecimento legal, mais rápido ou mais lentamente, em inúmeros países. Os direitos da juventude foram também ampliados. Não deveria surpreender que muitos tenham-se dedicado, nas décadas seguintes, a exorcizar o fantasma, ou o perigo, da revolução social anticapitalista, aplaudindo

³ Sobre a fundação das Igrejas da Comunidade Metropolitana, ver (Freire, 2022).

as reformas político-culturais. Mas as reformas não foram obra da contrarrevolução: foram, essencialmente, um subproduto da revolução.

O “espírito de 1968” foi um espírito revolucionário cuja mística não se limitou ao cenário francês. Nos Estados Unidos, 1968 foi marcado, segundo Purdy (2010), pela contracultura da juventude, pelo movimento operário de base, pelo movimento militante negro “Black Power”, pela “Segunda Onda” do feminismo e por um novo movimento pelos direitos de lésbicas e gays. Purdy (2010) conta que

ao longo de 1968, aconteceram importantes mobilizações, como a da Universidade Columbia, que lutaram tanto por questões internacionais, como a da guerra do Vietnã, como por reivindicações locais. Além do protesto contra o envolvimento da universidade com pesquisas militares usadas na guerra do Vietnã, os estudantes também reivindicaram o fim dos planos para construir um prédio no campus em terras expropriadas do bairro pobre negro do Harlem (Purdy, 2010).

Esse contexto mais amplo é fundamental para entender, também, o surgimento de igrejas inclusivas.⁴ Para a presente reflexão, a partir da história da MCC nos Estados Unidos, são apresentadas as trajetórias de dois “mártires *queer*” - Sylvia Rivera e Troy Perry. Essa metodologia que parte das histórias de vida de Sylvia e Troy está preocupada em demonstrar que o nascimento das Igrejas inclusivas nos Estados Unidos é marcadamente biográfico. Por isso, nossas referências bibliográficas se focaram nesse tipo de narrativa.

Para além de experiências individuais, as trajetórias dessas duas personagens evidenciam as disputas e os conflitos marcados pelas questões de diversidade sexual e de gênero na emergência de um movimento religioso consolidado na atualidade em todo o mundo. A ênfase está na contribuição dessa realidade para a compreensão do cenário religioso multifacetado estadunidense, indo além das análises de formas religiosas hegemônicas e dominantes, bem como suas influências em outros contextos. A emergência das Igrejas inclusivas e as experiências de *martírio queer* revelam não apenas uma pluralidade religiosa no contexto particular em que acontecem, mas também repercutem, por exemplo, no contexto latino-americano.

⁴⁴ Para uma reflexão sobre a emergência das organizações religiosas LGBTQIAPN+ nos Estados Unidos ver White, 2008 e Musskopf, 2022.

No que segue, propomos uma reflexão sobre o conceito de martírio elaborando no âmbito da teologia latino-americana, ampliando sua compreensão a partir da realidade de pessoal LGBTQIAPN+ e articulando a ideia de *martírio queer*. A partir desse conceito, apresenta-se a Revolta de *Stonewall* como um *punctum* (Sandoval, 2000) de inflexão histórica que marca a organização de um movimento de luta e libertação, em relação ao qual situam-se as duas personagens identificadas aqui como mártires queer – Sylvia Rivera e Troy Perry. Para além de personagens marcadas por sua atuação política, elas também expressam o envolvimento das igrejas (nesse caso particular da MCC) na luta por direitos, reforçando a marca do martírio queer.

1 Martírio *queer*

O martírio, segundo Sobrino (1992), está imbricado na libertação. Em uma análise sobre as relações da Teologia da Libertação com uma “Teologia do Martírio”, Sobrino, apoiado em ideias de Monseñor Romero⁵, afirma que não se deve falar apenas sobre uma “Igreja de mártires”, mas deve-se falar também em uma “Igreja construída sobre os mártires”. A ideia é semelhante à compreensão de que existe um Jesus mártir (Igreja mártir) e está vinculada ao anúncio do Reino de Deus, materializado na prática da libertação.

A libertação, com efeito, refere-se ao reino de Deus e o martírio refere-se à cruz (e ressurreição) de Jesus. Ambas as realidades iluminaram-se mutuamente, de modo que o reino e a cruz ajudaram a entender nossa realidade como libertação e martírio, e, de modo inverso, redescobriram a centralidade do reino de Deus e da cruz de Jesus (Sobrino, 1992, p. 36, tradução nossa⁶).

De acordo com Prado, no cristianismo, o martírio está ligado a uma entrega pacífica, sem resistência (Prado, 2018, p. 48). Comblin (2013) amplia assim o conceito, também no espectro do cristianismo:

5 Bispo e mártir, Oscar Arnulfo Romero foi assassinado aos 24 de março de 1980, em San Salvador, capital de El Salvador. Sua luta em favor dos pobres e do fim da opressão fez com que em 2010, a Assembleia Geral das Nações Unidas proclamasse o dia 24 de março como o Dia Internacional pelo Direito à Verdade acerca das Graves Violações dos Direitos Humanos e à Dignidade das Vítimas, em reconhecimento à atuação de Dom Romero em defesa dos direitos humanos. Romero foi canonizado em 14 de outubro de 2018, sendo o primeiro santo salvadorenho, o primeiro mártir depois do Concílio Vaticano II e o primeiro santo nativo da América Central (Romeroes, 2019).

6 Texto original da tradução nossa: Liberación, en efecto, remite a reino de Dios y martirio remite a cruz (y resurrección) de Jesús. Ambas realidades se han iluminado mutuamente, de modo que reino y cruz han ayudado a comprender nuestra realidad como liberación y martirio, pero, a la inversa, éstos han hecho redescubrir la centralidad del reino de Dios y de la cruz de Jesús.

Mártires são os que foram mortos por causa do testemunho de Jesus. Mas a forma do testemunho varia de acordo com as situações históricas, porque o contexto varia. Além disso, há em todo martírio um aspecto de ambiguidade porque os que matam têm razões históricas que os justificavam. O martírio é sempre um ato histórico inserido num contexto social determinado e que varia no decorrer da história (Comblin, 2013, p. 1).

O uso laico do conceito tem a ver com o sacrifício por uma causa. Pensar em martírio na contemporaneidade implica em perceber o fenômeno de maneira complexa, dentro do seu contexto político e social. A partir dessa perspectiva, é possível afirmar, por exemplo, que as pessoas marginalizadas são mártires. Suas vidas são ceifadas pelas contingências de uma realidade precária que reflete, segundo Butler (2018, p. 40), “a situação politicamente induzida na qual determinadas populações sofrem as consequências da deterioração de redes de apoio sociais e econômicas [...] e ficam diferencialmente expostas ao dano, à violência e à morte”.

Sobre o martírio, Boff (1983) explica que diz respeito à morte por causa de Deus, de Cristo ou por aquilo que esses dois conceitos representam: a verdade e a justiça. Mártir, nesse sentido, ganha o escopo da entrega da vida por uma causa, pela verdade e pela justiça, como também a morte advinda por uma realidade complexa.

Diante do contexto estadunidense, em meados do século passado, de repressão às pessoas dissidentes sexuais e de gênero, o conceito de martírio toma outros contornos, porque, acompanhando Althaus-Reid (2006), as pessoas LGBTQIAPN+ não experimentam somente a morte, como também “pequenas mortes” ao longo de sua vida. Dessa forma, a categoria de martírio a partir de uma perspectiva *queer* subverte o significado primeiro que a palavra martírio evoca para perceber que as “ressurreições” de pessoas LGBTQIAPN+ são experimentadas diariamente através da mobilização social que as identidades diversas provocam.

Althaus-Reid partiu de uma interpretação da narrativa sobre a vida de Jesus Cristo para aportar elementos que aqui são usados para a construção de uma categoria de martírio *queer*. Afirmou a teóloga:

A vida de Jesus, segundo [o Evangelho de] Marcos, é também marcada por uma multidão de mortes. São as mortes de um homem queer. Antes de tudo, Jesus é um homem que se afastou da sua família. De certa forma, perdeu a sua localização familiar e social. Em segundo lugar, sofre de morte econômica. Como? É um homem pobre, invisível para o poder econômico do seu tempo, um zé-ninguém. E, finalmente, a tortura e a morte por crucificação põem fim à sua missão messiânica. A crucificação torna-o inútil. Torna-se um Deus desempregado, um Deus desvalorizado, incompreendido, fora do mercado. Em tudo o que Jesus fez, a presença abundante de Deus estava presente, mas, apesar disso, para a sociedade, ele foi um fracasso (Althaus-Reid, 2006, p. 520, tradução nossa⁷).

No contexto da população LGBTQIAPN+, as mortes e as ressurreições dão-se, ainda, em um contexto de violência sistêmica contra as dissidências sexuais de gênero que não se conformam às normas. São esses padrões de gênero e sexualidade que determinam comportamentos esperados socialmente. Segundo Butler (2018, p. 41), “a precariedade está diretamente ligada às normas de gênero, uma vez que sabemos que aqueles e aquelas que não vivem seu gênero de modos inteligíveis estão expostos e expostas a um risco mais elevado de assédio, patologização e violência”. Por isso, o que aqui é nomeado de “martírio *queer*” está intrinsecamente ligado à noção precariedade.

A precariedade são modos de não viabilidade da vida e “implica um aumento da sensação de ser dispensável ou de ser descartado ou descartada que não é distribuída por igual na sociedade” (Butler, 2018, p. 21). É uma condição imputada ao ser humano pelas relações opressivas de controle político e econômico, na qual, em uma exigência máxima pela responsabilização pessoal, a responsabilidade é redefinida como “a exigência de se tornar um empreendedor de si mesmo em condições que tornam uma vocação dúbia impossível” (Butler, 2018, p. 21). Afinal, a moralidade individualizante exige uma autossuficiência irrealizável.

Nesse contexto de precariedade, o martírio *queer* é uma representação das nomeadas “minorias sociais”, que, em relação ao cristianismo tradicional e hegemônico, constitui-se enquanto dissidência. Entre mortes e ressurreições o

⁷ Texto original da tradução nossa: Jesus' life according to Mark is also signed by a multitude of deaths. These are the deaths of a queer man. First of all, Jesus is a man who has departed from his family. In a way, he lost his family and social location. Second, he suffers from economic death. How? He is a poor man, rendered invisible by the economic power of his time, a nobody. And finally, torture and death by crucifixion ends his messianic mission. The crucifixion made him redundant. He becomes an unemployed God, a devalued, misunderstood God outside the market. In everything Jesus did, God's abundant presence was there but nevertheless, for society he was a failure.

martírio *queer* anuncia a resistência por meio de um ativismo religioso que marcou a história dos Estados Unidos. O martírio permeia essa realidade suscitando atrizes e atores que protagonizam movimentos contrários à violência sexualmente orientada.

Um dos mais conhecidos movimentos de levante contra a repressão às LGBTQIAPN+ comemorou, em 2024, 55 anos. No final da década de 1960, existia, no contexto estadunidense, uma mentalidade de luta por direitos civis. Negros, mulheres e dissidentes sexuais e de gênero eram as e os protagonistas dessas reivindicações. Com relação a homossexuais, um evento emblemático desse embate civil foi o que ficou conhecido como a “Revolta de *Stonewall*”. Compreender esse evento e suas implicações ajuda a situar a e o mártires *queer* que queremos apresentar.

2 *Stonewall* e o contexto de luta política

Segundo Duberman (1993), *Stonewall* foi um evento que se tornou sinônimo da “resistência gay” contra a opressão. O fato aconteceu em 28 de junho de 1969, no bar *Stonewall Inn*, localizado em Greenwich Village, Nova York. O bar, de propriedade da máfia, vendia bebidas falsificadas e era um gueto para o público dissidente sexual, em uma época de forte repressão policial, que cassava os alvarás de estabelecimentos que recebessem as pessoas LGBTQIPAN+. Nesse dia, como em vários outros, a polícia fez uma batida no bar. Conforme relatos, os policiais usavam de muita violência e expulsavam as pessoas do local. Entretanto, eles não contavam com a resistência do público presente. Aos poucos, gays, lésbicas, travestis, *drag queens* e simpatizantes da causa foram se aglomerando e, em um ato de “revolta”, decidiram não sair; pelo contrário, ficaram e enfrentaram a força policial durante quase quatro dias (Duberman, 1993).

Não houve uma convocação prévia para a resistência contra os policiais, mas já havia um mal-estar entre as pessoas e um desejo reivindicatório de luta pelos direitos civis. O contexto, segundo Ferraz (2015), era de luta contra o racismo, pelo movimento por direitos civis de negros e negras, e da luta das mulheres. *Stonewall*, literalmente uma parede de pedra, é uma palavra que traz em si o simbolismo da subversão da lei, como explica Duberman (1993, tradução

nossa.), “hoje, a palavra ressoa com imagens de insurgência e autorrealização e ocupa um lugar central na iconografia da consciência lésbica e gay. [...] Como tal, *Stonewall* tornou-se um poderoso símbolo de proporções globais”⁸.

Musskopf (2012) também afirma que o evento de *Stonewall* assumiu contornos “míticos e lendários”. E completa, “*Stonewall* foi o catalisador e unificador de um movimento até certo ponto clandestino, dando visibilidade e uma forma renovada à militância, bem como promovendo a articulação de grupos dispersos em uma frente de luta unificada [...]” (Musskopf, 2012, p. 130). O movimento emancipatório de dissidências sexuais declarado em *Stonewall* propiciou o surgimento de protagonistas, entretanto, antagonistas também surgiram nesse enfrentamento político. Assim, o ambiente para o martírio estava criado, por meio de um embate entre posições polarizadas a respeito de temas que atravessavam a sexualidade, como também a pauta de costumes.

Phillis e Olugbala (2006), baseados na ideia de *punctum* de Chela Sandoval⁹, afirmam que existem determinados momentos na história quando há uma ruptura com o *status quo* permitindo o surgimento de novas oportunidades de se pensar e agir. Para eles, *Stonewall* foi um desses momentos revolucionários. Para Sandoval (2000), o *punctum* é a consciência que surge a partir das diferentes formas de movimento social. É partir dele que devem ser lidas as narrativas sociais. Como lugar de significado e acesso à consciência, o *punctum*, segundo Phillis e Olugbala (2006), permite a compreensão de *Stonewall* como um momento de ruptura na história do movimento de minorias sexuais. Os autores explicam que a análise de *Stonewall* deve ser feita a partir da compreensão das formas sociais que promoveram seu acontecimento. No que chamam de “marcha para a libertação” (*march toward liberation*), *Stonewall* é resultado da insurgência de novos sujeitos.

2.1 *Stonewall* e Sylvia Rivera

Uma das personagens icônicas da Revolta de *Stonewall* foi Sylvia Rae

⁸ Texto original de tradução nossa: Today, the Word resonates with images of insurgency and self-realization and occupies a central place in the iconography of lesbian and gay awareness. [...] As such, Stonewall has become an empowering symbol of global proportions.

⁹ *Punctum* é um termo apropriado de Roland Barthes por Chela Sandoval em sua “Metodologia do oprimido” (2000).

Rivera (1951-2002), uma travesti nova-iorquina, que se tornou uma das principais vozes militantes da MCC, tendo sido, inclusive, batizada na MCC de Nova York. Segundo Lucon (2014), há relatos de que Sylvia Rivera tenha sido a primeira pessoa a lançar um coquetel molotov contra os policiais em *Stonewall*.

Voaram garrafas, cadeiras, pedras e saiu do peito o estrondoso grito engasgado. Há relatos de que Sylvia tenha jogado o primeiro coquetel molotov nos policiais, de que foi uma das primeiras a encará-los e afastá-los do grupo. Ela esquivava-se da vaidade e dizia que, talvez, tenha jogado o segundo coquetel. O fato é que a inesperada reação e o seu pioneirismo motivaram o espírito dos que permaneciam calados. Com o grupo LGBT unido e finalmente engajado, a revolta durou quatro dias, ganhou os noticiários e mudou a história. “Eu não vou perder um minuto disso, é a revolução”, afirmou durante o embate (Lucon, 2014).

Ao contrário do colocado por Lucon (2014), é importante ressaltar que o grupo LGBTQIAPN+ não estava unido e engajado. Não havia a concepção de uma comunidade LGBTQIAPN+ como se tem hoje. Eram minorias sexuais, que se guetizavam em bares que funcionavam na irregularidade. Apesar de ser considerado o protagonismo gay na luta pela garantia dos “Direitos Civis Gays”, é sabido que existiam outras atrizes e outros atores nessa luta. Sylvia Rivera é uma dessas personagens. Phillis e Olugbala (2006) narram que houve tensão entre lésbicas e gays e as travestis e *drag queens* presentes. Ainda assim, aquele momento específico de *Stonewall* conseguiu reunir os diferentes grupos ao redor de uma pauta específica: a resistência à truculência e prisão arbitrária de minorias sexuais.

A tensão entre os grupos minoritários foi – e ainda é – pauta do movimento de luta pelos direitos civis. Segundo Lucon (2014), rechaçada diversas vezes por gays e lésbicas, Sylvia Rivera e outra importante transativista da época, Marsha P. Johnson, criaram o STAR (*Street Transvestites Action Revolutionaries*), que lutava pelo direito de pessoas da comunidade sujeitas à vulnerabilidade social e que enfrentavam a situação de rua. Sylvia Rivera conta que “o movimento nasceu naquela noite e sabíamos que tínhamos feito algo que todo mundo no mundo inteiro saberia quando a notícia chegasse” (Phillis; Olugbala, 2006, p. 317, tradução nossa¹⁰).

¹⁰ Texto original da tradução nossa: The movement was born that night, and we knew we had done something that everybody in the whole world would know about when the news came out.

Os embates travados a partir de *Stonewall* garantiram à Sylvia Rivera destaque no ativismo. Acompanhada de Marsha P. Johnson, Sylvia conta que “tivemos uma STAR House – um lugar para todas nós dormirmos. Eram apenas quatro cômodos e o proprietário desligou a eletricidade. Então nós vivíamos lá à luz de velas, um grupo flutuante de 15 a 25 monas¹¹, apertadas naqueles quartos com todo o nosso guarda-roupa. Mas funcionou” (NYC, 2017, tradução nossa¹²). Segundo Haefele-Thomas (2019), Sylvia e Marsha passaram suas vidas dedicadas a ajudar jovens LGBTQIAPN+ na cidade de Nova York, mesmo quando elas mesmas estavam em situação de rua.

Ações como essas aproximaram Sylvia Rivera da MCC. Sylvia foi coordenadora da MCC Nova York e faleceu sendo parte importante da comunidade. Em seu leito de morte, Sylvia fez com que a Reverenda Bispa Pat Bumgardner, pastora da MCC Nova York, promettesse que criaria uma casa de abrigo para jovens e crianças LGBTQIAPN+. Em atenção, foi criado, pelo Instituto de Justiça Global da MCC, o *Sylvia's Place*, em Nova York, em funcionamento até hoje. *Sylvia's Place* funciona como uma casa de passagem para minorias sexuais em situação de rua. Além da casa, a Rev^a. Bispa Pat Bumgardner criou o *Sylvia Rivera Food Pantry*, local de distribuição de comida para pessoas em situação de rua.

No documentário “A morte e a vida de Marsha P. Johnson” (2017), a Rev^a. Bispa da MCC de Nova York, Pat Bumgardner, afirma: “com certeza, muitas histórias serão contadas sobre Sylvia. Algumas verdades; outras, puro mito. É o que acontece com grandes líderes. E não se enganem. Sylvia Rivera é a mãe de nosso movimento, uma grande líder de nosso povo”. Sylvia foi mãe, líder e também mártir do movimento. Sua trajetória de luta pela dignificação das pessoas LGBTQIAPN+ garante a ela a marca do martírio. Durante a Revolta de *Stonewall*, Sylvia disse: “Oh, meu Deus, a revolução está aqui. Graças a Deus. Eu estou aqui e faço parte disso” (Phillis; Olugbala, 2006, p. 317, tradução nossa¹³). Sylvia viveu a revolução e a promoveu. Libertação e martírio (Sobrinho, 1992) no

11 Termo típico do pajubá (dialeto comumente usado e criado por travestis) que significa mulheres ou travestis. Pode ser usado também entre LGBT para se referirem a si mesmas/os.

12 Texto original da tradução nossa: We had a STAR House—a place for all of us to sleep. It was only four rooms, and the landlord had turned the electricity off. So we lived there by candlelight, a floating bunch of 15 to 25 queens, cramped in those rooms with all our wardrobe. But it worked.

13 Texto original da tradução nossa: Oh, my God, the revolution is here. Thank God. I'm here and I'm part of it.

corpo de uma transativista revolucionária.

Em resposta ao ocorrido em *Stonewall*, exatamente um ano depois, aos 28 de junho de 1970, data em que hoje é celebrado o Dia do Orgulho LGBTQIAPN+, movimentos pelos Direitos Civis Gays organizavam-se para realizar paradas em memória à resistência emblemática daquele evento. Nesse contexto, a MCC decidiu organizar a primeira Parada do Orgulho Gay em Hollywood. Cerca de 50 mil pessoas compareceram ao evento, entre elas membros da MCC, militantes e simpatizantes (Gorder, 2015), sendo que o maior número de pessoas era de espectadoras.

Reverendo Troy Perry, o fundador da MCC, veio em destaque, em um carro conversível, dirigido por um amigo, sua mãe à frente, e ele e seu companheiro à época atrás. Em memória e em reconhecimento a esse fato, foi colocada, em 2005, no ponto de partida da parada, uma placa homenageando as organizadoras e os organizadores do evento. A placa está localizada à rua Christopher West, e diz o seguinte: “Aos 28 de junho de 1970, a primeira Parada do Orgulho Gay de Los Angeles saiu dessa esquina. A cidade de Los Angeles fechou o Hollywood Boulevard para a parada, sendo a primeira ação dessas na América. Os organizadores do evento foram Rev. Troy Perry, Rev. Bob Humphries, Sr. Morris Kight. Dedicada em 28 de junho de 2005”. A trajetória de Troy Perry e sua marca de martírio será discutida abaixo; mas ela também guarda relação com o que aconteceu em *Stonewall* e com o texto que produziu a revolta.

3 Igreja e Direitos Civis

Desde sua fundação, a MCC envolveu-se com questões de “Direitos Civis Gays”¹⁴. A motivação inicial para isso não foi necessariamente a agenda política LGBTQIPAN+ da época, mas sim a necessidade de ajudar os próprios membros da comunidade, que acabavam envolvidos/as em alguma questão persecutória, devido à forte represália que enfrentavam na sociedade (Perry, 2007). A primeira situação em que isso ocorreu foi quando o Reverendo Troy recebeu um telefonema informando que um jovem gay da comunidade havia sido assassinado pela polícia de Los Angeles.

¹⁴ Nomenclatura usada à época da fundação da MCC.

Troy Perry (2007) conta que não recebia apoio de todos os membros da Igreja nesse sentido, pois era visto como um líder espiritual e não como um ativista. Entretanto, por meio do uso de passagens bíblicas específicas, como Lucas 4, 18-19¹⁵, ele articulava as suas crenças religiosas com suas ações na defesa de direitos. Especialmente após o incêndio da Igreja Mãe (Los Angeles), a MCC passou a ir às ruas encorajando que gays “saíssem do armário”, compreendendo ser esse um ato político libertador. Nas ruas, entre as bandeiras e os cartazes da militância, a Igreja erguia velas em um rito político e religioso que reivindicava igualdade de direitos entre homossexuais e heterossexuais. Era uma Igreja em movimento, em saída, que compreendia a mensagem de Cristo como esse chamamento às ruas e à luta pela justiça.

O contexto histórico era por libertação. A MCC se configurava como denominação cristã, paralelamente à revolução inaugurada em *Stonewall*. Ela foi atravessada por aquele ambiente revolucionário. Existia um imperativo para que a revolução continuasse, por meio do rompimento com estruturas de opressão que advinham da mentalidade cristã daquele momento. Segundo Daniel Rocha (2020), na década de 1970, nos Estados Unidos, os temas que circulavam no imaginário do fundamentalismo religioso cristão apontavam para uma visão pré-milenarista, que falava da iminência do fim dos tempos e da degradação moral dos EUA. Esse ambiente de efervescência de narrativas que criavam um clima de “urgência” no cristianismo é marcado por martírios e libertações:

No que diz respeito à razoabilidade da fé, o martírio que ocorre precisamente por causa da libertação pode ser, por um lado, o máximo do questionamento teórico da verdade da fé e, em última análise, de Deus. E isso não apenas no sentido tradicional da teodiceia – toda morte inocente é a grande questão de Deus –, mas em um sentido específico, precisamente porque a teologia da libertação torna central que Deus seja um Deus libertador, um Deus da libertação, um Deus da vida, um Deus das vítimas. Diante do martírio, Deus não só não liberta as vítimas, mas não tem o poder de impedir a sua morte ou de evitar a dos seus defensores. Deus se torna reduplicativamente enigma (por fé, reduplicativamente mistério) (Sobrino, 1992, p. 45, tradução nossa¹⁶).

15 “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor”. (A Bíblia de Jerusalém).

16 Texto original da tradução nossa: Por lo que toca a la razonabilidad de la fe, el martirio que ocurre precisamente por causa de la liberación puede ser, por una parte, la máxima cuestionabilidad teórica de la verdad de la fe, y en definitiva, de Dios. Y ello no sólo en el sentido tradicional de la teodicea - toda muerte inocente es la gran pregunta por Dios -, sino en un sentido específico debido precisamente a que la teología de la liberación hace central el que Dios sea un Dios libertador, un Dios de vida, un Dios de las víctimas. Ante el hecho del martirio, ese Dios no sólo no libera las víctimas,

O enigma da construção de uma espiritualidade que era construída passa por essa relação de reciprocidade na qual não somente o sujeito constrói a espiritualidade, como também é construído por ela. Mártires *queer* são sujeitos, realidades marcadas pela Revolta de *Stonewall*, no contexto dos Estados Unidos, que se somam a um contexto moderno por emancipação de pautas que atravessam tanto a questão da religiosidade quanto da sexualidade. São sujeitos que tiveram seus armários queimados e que, por isso, são convocados ao exercício da defesa de suas pautas tanto na Igreja quanto nas ruas.

As imagens que marcam a presença da MCC nas ruas estão sempre vinculadas à figura de Troy Perry, que se tornou o principal articulador do ativismo político na denominação. Durante ações de militância o reverendo usava roupas clericais, revelando que os ritos religioso e político não se separavam, mas se complementavam. Ao ir às ruas, a Igreja não deixava de ser Igreja; pelo contrário: afirmava seus valores e sua missão como Igreja cristã.

Em 1978, foi criada a “Proposição 6”, no Estado da Califórnia, também conhecida por “Iniciativa Briggs”, por ter sido patrocinada por John Briggs. A proposição proibia gays e lésbicas de serem professores e professoras em escolas públicas, bem como qualquer heterossexual simpatizante da causa. A iniciativa teve o apoio de Anita Bryant, líder do movimento conservador de sua época. Troy Perry (2007) conta que perguntou a Deus sobre o que deveria fazer naquela situação e que, em resposta, foi compelido a jejuar. O jejum não foi considerado como sendo da denominação, pois não havia outros membros em jejum. O ato era de Troy Perry. O jejum de Troy Perry é uma marca de seu martírio *queer*. Um líder religioso, no contexto da efervescência da luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, configurando uma Igreja marcadamente ativista.

O processo de formação da liderança de Troy Perry se faz a partir de seu relacionamento com Deus – ele pergunta, Deus responde e ele obedece – e de sua exposição em locais públicos de maior visibilidade. Troy Perry jejuou e orou em frente a um prédio federal, solicitando a doação de 100 mil dólares em prol da fundação de um comitê para reforma jurídica pelos homossexuais. Seu lema foi

sino que ni tiene poder para evitar su muerte ni para evitar la de sus defensores. Dios se hace reduplicativamente enigma (para la fe, reduplicativamente misterio).

“jejum pela justiça”. Ele jejuou por 16 dias somente com água, quando recebeu o valor solicitado de uma única doadora. Com o dinheiro, financiou a primeira pesquisa nos Estados Unidos sobre o que as pessoas pensavam sobre os gays e lésbicas e sobre a Iniciativa Briggs. Ao mesmo tempo, o movimento gay ia às ruas e a MCC participou de muitas dessas manifestações. Segundo Chaparro e Vargas (2011), o referendo recebeu grande cobertura da mídia, ocasionando a realização do primeiro debate nacional sobre os direitos dos homossexuais nos Estados Unidos. De um lado, John Briggs, do outro Harvey Milk junto à professora Sally M. Gearhart. A “Proposição 6” foi derrotada por mais de 1 milhão de votos de diferença.

Um ano depois, em outubro de 1979, incentivado por Robin Tyler, uma amiga judia, militante e lésbica, Troy Perry participou da organização da “Marcha Nacional a Washington” que, segundo Maia (2009), se tornou a “Primeira Marcha em Washington pelos Direitos de Lésbicas e Gays”, e que aconteceu em 14 de outubro de 1979. Lésbicas e gays lotaram um trem em direção à Washington, colocaram um teclado e seguiram viagem. Durante as paradas, ainda que a cidade fosse pequena, a imprensa cobria as falas de Perry e Tyler. Em alguns lugares poucas pessoas vinham ouvi-los, mas, mesmo nesses casos, como conta Robin Tyler (*in* Perry, 2007), os próprios e as próprias militantes do ônibus desciam para apoiar a manifestação. Nas cidades onde havia uma MCC organizada os membros locais compareciam. No estado de Utah, o trem foi parado por um pastor que segurava um cartaz com os seguintes dizeres: “homossexuais, seus demônios, vocês não são bem-vindos”. Troy Perry e o pastor começaram um confronto a partir do uso de passagens bíblicas, até que o trem foi liberado para seguir viagem.

Ao chegarem a Washington, o nome de Troy Perry não estava na lista para discursar. Segundo Robin Tyler (Perry, 2007), Perry não constava porque era um clérigo cristão. Tyler, então, convenceu os organizadores a colocarem Perry entre os primeiros da lista a falarem, pois acreditava que sua mensagem seria fundamental devido a seu alcance entre as pessoas cristãs. A “Primeira Marcha em Washington pelos Direitos de Lésbicas e Gays” contou com a presença de mais de 100 mil pessoas e marcou o décimo aniversário da Revolta de *Stonewall*.

Segundo a Enciclopédia GLBTQ (2015), dentre seus organizadores estavam Delores Berry e Billy Jones, que aproveitaram o ajuntamento para a realização da I Conferência Nacional pelos Direitos de Gays e Lésbicas do Terceiro Mundo.

A presença de Troy Perry e, através dele e motivado por ele, de outros membros da MCC evidencia o envolvimento de lideranças e comunidades religiosas na luta pelos direitos civis da população LGBTQIAPN+. Esse envolvimento é motivado pelas convicções políticas, mas também pelas crenças religiosas e tais convicções são afirmadas publicamente situando suas ações a partir do campo religioso através de falas, vestimentas e gestos teológicos e litúrgicos. As pequenas mortes e ressurreições, consequências desse engajamento, carregam as marcas do martírio queer encarnado por indivíduos como Troy Perry, mas também coletivamente pelas igrejas inclusivas que ameaçam o status quo político e religioso e são, elas mesmas, alvos da violência dos cisheteropatriarcado.

4 As cinzas do martírio *queer*

O martírio, compreendido como essa relação complexa de vida e morte em razão da precarização das vidas subalternizadas, marca a história da MCC. Para além da figura de Troy Perry, a trajetória da Igreja encontra não somente discursos de obstacularização de seu crescimento enquanto denominação cristã, como também a ação criminosa de violência manifestada em, pelo menos, dois principais eventos: o incêndio da Igreja Mãe e o incêndio no *Upstairs Lounge*.

4.1 O incêndio da Igreja Mãe

Três anos após sua fundação, devido ao crescimento da comunidade, a MCC investiu na compra de uma sede que foi inaugurada em 7 de março de 1971. Conhecida como “Igreja Mãe”, a MCC Los Angeles é uma catedral grande, ampla, com vitrais que circulam o edifício e um imponente órgão. Em 27 de janeiro de 1973, um crime assombrou a comunidade. A sede da MCC foi incendiada. O Reverendo Troy Perry (2007) conta que somente o altar e a Bíblia, que ficava aberta sobre o altar, não foram sido destruídos. Troy Perry (2007) narra que sua reação foi da tristeza à raiva, porque, de acordo com o Corpo de Bombeiros, havia

a suspeita de o incêndio ter sido criminoso, o que foi confirmado posteriormente (Glaser, 2005).

A pergunta da Igreja agora era: “onde seriam celebrados os cultos?”. Propuseram, então, que as celebrações fossem feitas na rua, em frente à Igreja queimada. Solicitaram autorização para fecharem a via e improvisaram um palanque, que serviu de altar. Diferentemente das ações nas quais a motivação para estar na rua era a militância, agora o mote era o rito religioso. O culto na rua era um culto de denúncia da Igreja que havia sido queimada pelo fato de ser um espaço no qual homossexuais professavam a fé cristã. Devido à presença da imprensa no local, algumas pessoas não queriam estar presentes no culto por causa das câmeras, já que mantinham sua orientação sexual em segredo. Foi, então, que um membro da Igreja, Willie Smith, disse: “o armário foi queimado!” (Perry, 2007).

Ainda que assumissem sua orientação sexual divergente, uma Igreja específica para as LGBTQIAPN+ poderia criar, metaforicamente, um armário, um espaço de proteção e acolhimento, para um público que, muitas vezes, não encontrava esse apoio em casa, por carregarem em si o que Goffman (2002) chama de “estigma”. O estigma é um atributo depreciativo compreendido como uma linguagem de relações que deteriora uma identidade e normaliza outra. À tentativa de esconder o estigma social, Goffman (2002) chama de encobrimento. O autor explica que o encobrimento leva à dupla biografia, pois o indivíduo convive em duas comunidades, sendo que uma não sabe da outra. O momento histórico no qual o incêndio aconteceu (começo da década de 1970) era propício a esse tipo de vivência. Para sociabilizar-se nesse ambiente hostil à homossexualidade, o indivíduo lança mão da segregação dos espaços nos quais a Igreja torna-se um deles. Deste modo, a MCC “escondia” a sexualidade, tornando-se um local quase seguro de convivência entre iguais. O incêndio, então, convocava a todos e todas para que saíssem do “armário” e tornassem pública sua sexualidade.

Para Willie Smith, a Igreja era o armário. E ele havia sido criminosamente incendiado. Já não havia mais como se esconder, a Igreja deveria ir para as ruas, não somente para fazer um culto de denúncia, como também para ressignificar

sua trajetória e sua compreensão sobre o que significava ser uma Igreja para dissidentes sexuais. Assim, as ruas, que eram tomadas pela MCC por meio de alguns membros e em momentos específicos de militância, agora eram de todos os membros. Seus corpos religiosos tornavam-se corpos políticos que atestavam não somente a perseguição a cristãos gays e lésbicas, mas, antes de tudo, a existência de cristãos gays e lésbicas, o que era subversivo e revolucionário - e ainda o é. Em decorrência, a visibilidade nas ruas também trouxe novas pessoas incentivadas pela resistência daquela ação. A igreja tornava-se não apenas uma “igreja mártir” (Sobrino, 1922), mas uma “igreja mártir queer”, entre mortes e ressurreições.

4.2 Incêndio no *UpStairs Lounge*

Outro incêndio criminoso marcou a história da MCC, quando, em 24 de junho de 1973, em Nova Orleans, 32 pessoas foram mortas no *UpStairs Lounge*, um dos mais famosos bares gays da cidade, onde a MCC funcionou durante alguns meses. Dessas, 12 eram membros da MCC, incluindo o pastor – que foi ordenado reverendo postumamente – sua irmã e seu companheiro. O casal George Mitchell e Horace Broussard foram exemplos de outros membros da MCC presentes no acontecimento. George conseguiu escapar do incêndio, mas voltou para resgatar Horace. Durante a tentativa de resgate, ambos foram incinerados pelas chamas. Relatos do ocorrido contam que os dois foram encontrados abraçados (Anderson-Minshall, 2013).

Até o massacre em Orlando, em 12 de junho de 2016, quando 49 pessoas foram mortas e 53 ficaram feridas, em um bar frequentado pelo público LGBTQIAPN+ (Boate *Pulse*), esse tinha sido o maior ataque à população LGBTQIAPN+ nos Estados Unidos. A MCC ficou completamente envolvida com o ocorrido, convocando um culto para parentes, amigas e amigos das vítimas. Segundo Anderson-Minshall (2013), cerca de 100 pessoas estiveram presentes no culto, que se preocupou em levantar dinheiro para o *Crippled Children’s Hospital* (Hospital para Crianças com Deficiência).

Esses dois incêndios, apesar de não terem sido os únicos contra a MCC, foram os de maior impacto para a denominação. É possível afirmar que as

motivações para o crime tenham sido diferentes. O primeiro ocorreu na Igreja, o segundo em um bar. Entretanto, é impossível dissociar um caso do outro, pois ambos podem ser compreendidos como crime de ódio contra a comunidade LGBTQIAPN+ e, nesse caso, também contra pessoas que ousam professar e viver sua fé. Pessoas lutando para viver livremente sua religiosidade, sua sexualidade e seus afetos. Mártires *queer*.

Conclusão

A MCC, fundada no contexto estadunidense do final da década de 1960, é repleta de mártires *queer*. Pessoas que enfrentavam diariamente a luta pela sobrevivência em uma realidade de subalternização dos seus corpos dissidentes. Essa realidade inóspita para as pessoas LGBTQIAPN+ é o lócus da resistência *queer* por meio de seus mártires. Pequenas mortes e grandes ressurreições. A vida e o ativismo de Sylvia Rivera e do Reverendo Troy Perry foram narrados neste artigo como exemplos de uma religiosidade forjada dentro da Igreja, mas também fora dela.

O martírio *queer* marca a história da inclusão de pessoas LGBTQIAPN+ no cristianismo, por meio de uma experiência religiosa atrelada ao ativismo político. Queerizar o martírio é reivindicar a vida sobre a morte, por meio de ressurreições que desafiam a precariedade. Aqui, importa lembrar a questão de Butler (2018, p. 167): “não seria uma forma de exposição e persistência deliberadas, a reivindicação corporificada por uma vida possível de ser vivida que se nos mostra a simultaneidade de ser precarizada e precarizado e agir?”.

O/a mártir *queer* é o/a precarizado/a em ação. Essa é a energia gerada pela combustão pela qual passou a MCC em sua história de fundação nos Estados Unidos. Uma Igreja incendiada pelo ódio às pessoas LGBTQIAPN+, que tirou energia do fogo e reescreveu sua trajetória, por meio do martírio *queer*. Essa história e essa trajetória constituem do processo de consolidação da MCC como parte do cenário religioso estadunidense, mas também de sua expansão e presença em outros contextos. Com histórias e trajetórias particulares, mas também com seus e suas mártires *queer*, a MCC está presente em diversos países no mundo inteiro. No Brasil e na América Latina, as ICM (Igrejas da Comunidade

Metropolitana) também fazem parte de um movimento religioso contemporâneo que não pode ser ignorado como força de resistência e luta por justiça¹⁷.

É desta forma, também, que a MCC e os movimentos e igrejas inclusivas compõem o cenário religioso dos Estados Unidos. Ainda marginalizadas e invisibilizadas em face de instituições e tradições hegemônicas, não é possível pensar a religião nesse país sem as experiências de pessoas LGBTQIAPN+ a partir dos exemplos narrados aqui, mas também em muitos outros – inclusive nos enfrentamentos e transformações produzidas nas denominações mais tradicionais e reconhecidas. Uma história marcada por martírios e ressurreições em meio a processos de libertação no interior do próprio cristianismo. O resgate, registro e afirmação dessa memória se torna especialmente importante na atualidade, tendo vista o recrudescimento de grupos e projetos fundamentalistas que sequestram a religião e a reivindicam como propriedade exclusiva para a contínua exclusão, marginalização e violência contra os direitos da população LGBTQIAPN+. Nesse contexto, infelizmente, o martírio queer continua sendo uma das principais expressões das religiosidades queer que resistem em nome de seus direitos à cidadania religiosa (e política).

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. 3ª edição. São Paulo: Paulinas, 2004.

ALTHAUS-REID, Marcella. Mark. In: Guest, Deryn, Robert E. Goss, Mona West and Thomas Bohache (org). **The Queer Bible Commentary**. London: SCM Press, 2006.

ANDERSON-MINSHALL, Diane. Remembering the Worst Mass Killing of LGBT People in U.S. History. **Advocate**. 24 de junho de 2013. Disponível em: www.advocate.com. Acesso em: 5 jul. 2024.

ARCARY, Valerio. Maio de 68: a última onda revolucionária que atingiu o centro do capitalismo. **Acta Sci. Human Soc. Sci.** Maringá, v. 30, n. 2, p. 203-209, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3073/307324801011.pdf>. Acesso em: 18 set. 2019.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1980.

¹⁷ Sobre as igrejas inclusivas no Brasil e na América Latina e sua relação com a MCC veja Musskopf, 2023; Weiss, 2012; Rosseti, 2016.

BOFF, Leonardo. Martírio: tentativa de uma reflexão sistemática. **Revista Concilium**, Petrópolis, n. 183, 1983/3, p. 273-280.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CHAPARRO, Nina; ESTAFAN VARGAS, Soraya. Imágenes de la diversidad: el movimiento de liberación LGBT tras el velo del cine. **Culturales**, vol. VII, n. 14, jul/dec, 2011, p. 57-86, Universidad Autónoma de Baja California, México. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1870-11912011000200004&script=sci_abstract. Acesso em 30 abr. 2024.

COMBLIN, José. **Anotações sobre o conceito de martírio**. Irmandades dos Mártires da Caminhada, 09 de janeiro de 2013. Disponível em: <http://irmandadedosmartires.blogspot.com/2013/01/anotacoes-sobre-o-conceito-de-martirio.html>. Acesso em 30 abr. 2024.

DUBERMAN, Martin. **Stonewall**. Published: Plume, 1993. Ebook. Disponível em: <https://abrir.link/zECFQ>. Acesso em 30 abr. 2024.

FERRAZ, Maria Cruz. Religião e homossexualidade nos Estados Unidos: vertentes liberais e conservadoras em debate. **Anais**, XIV Simpósio Nacional da ABHR, 2015. Disponível em: <https://abrir.link/NqgFB>. Acesso em 30 abr. 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRANCE, David. **A morte e a vida de Marsha P. Johnson**. 2017. Documentário. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/>. Acesso em: 03 out. 2019.

FREIRE, Ana Ester Pádua. Gênesis da inclusão: narrativas sobre a fundação das Metropolitan Community Churches. **Mandrágora**, v. 28, n. 1, 2022, p. 135-156. Disponível em: <https://abrir.link/YmILi>. Acesso em 30 abr. 2024.

FREIRE, Ana Ester Pádua. **Armários queimados**: igreja afirmativa das diferenças e subversão da precariedade. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. PUC Minas, 2019.

GLASER, Chris. **Troy Perry**: pastor and prophet. Metropolitan Community Churches. California. 2005. s/e.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.

HAEFELE-THOMAS, Ardel. **Introduction to transgender studies**. Nova York: Harrigton Park Press, 2019. Disponível em: <https://abrir.link/AWFfW>. Acesso em 30 abr. 2024.

LUCON, Neto. Conheça Sylvia Rivera, a trans que fez história na Revolta de Stonewall. **NLucon**. 25 jun. 2014. Disponível em: <https://nlucon.com/2014/06/28/conheca-sylvia-rivera-a-trans-que-fez-historia-na-revolta-de-stonewall/>. Acesso em: 10 abr. 2019.

MUSSKOPF, André S. **Via(da)gens teológicas**: itinerários para uma Teologia Queer no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

MUSSKOPF, André S. Igrejas e grupos cristãos inclusivos e a luta por direitos. **Mandrágora**, v.28, n. 1, 2022, p. 157-177.

MUSSKOPF, André S. **Fazemos a teologia que podemos** – Igrejas inclusivas na América Latina nas décadas de 1908 e 1990. Série Ensaios Teológicos Indecentes vol. 4. Rio de Janeiro: Metanoia, 2023.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. **Religião & Sociedade**, v. 30, p. 90-120, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rs/v30n2/a06v30n2.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2024.

PHILLIS, Layli; OLUGBALA, Shomari. Sylvia Rivera: fighting in her heels: stonewall, civil rights and liberation. IN: GLISSON, Susan M. **The human tradition in the Civil Rights Movement**: the human tradition in America. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2006. Disponível em: https://caccl-glendale.primo.exlibrisgroup.com/discovery/fulldisplay/alma991309723405314/01CA_CCL_GLENDALE:GLENDALE. Acesso em 30 abr. 2024.

PRADO, Patrícia Simone do. **Toda terra é Karbala, todo dia é Ashura**: a pedagogia do martírio nas narrativas xiitas e a consrução de uma identidade de resistência. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais. 2018. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/RelInternac_PradoPS_1.pdf. Acesso em 30 abr. 2024.

PERRY, Troy. **Call me Troy**. YouTube. Scott Bloom, 2007. 1º de agosto de 2012. Disponível em: www.youtube.com. Acesso em: 1º jul. 2016.

PURDY, Sean. 1968: a rebelião estudantil nos Estados Unidos. **Cult**. 14 de março de 2010. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/1968-a-rebeliao-estudantil-nos-estados-unidos/>. Acesso em: 18 set. 2019.

ROCHA, Daniel. Da “minoría silenciosa” à maioria moral: transformações nas relações entre religião e política no fundamentalismo norte-americano na década de 1970. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 40, pp. 91-113, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/YyQYkDK4j89LcxDLYbtsPcD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 dez. 2024.

ROMEROES. **San Óscar Arnulfo Romero, obispo y mártir**. Disponível em: <http://www.romeroes.com/>. Acesso em: 15 abr. 2019.

ROSSETI, Leo. **Borboletas tropicais** – O caminho brasileiro das Igrejas da Comunidade Metropolitana. Rio de Janeiro: Metanoia, 2016.

SANDOVAL, Chela. **Methodology of the oppressed**. Minneapolis, London: University of Minesota Press, 2000. Disponível em: <https://caringlabor.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/09/methodology-of-the-oppressed-chela-sandoval.pdf>. Acesso em 30 abr. 2024.

SERRA, Cris. Verbete. Diversidade sexual e de gênero. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira; ARAGÃO, Gilbraz; PANASIEWICZ, Roberlei (Orgs.). **Dicionário do pluralismo religioso**. São Paulo: Editora Recriar, 2020.

SOBRINO, Jon. De una teología sólo de La liberación a una teología del martirio. **Centro de Reflexión Teológica**. II Encuentro de fe Cristiana y cambio social, El Escorial, Madrid, 20-24 jun. 1992. Disponível em: <http://www.redicces.org.sv/jspui/bitstream/10972/1201/1/RLT-1993-028-B.pdf>. Acesso em 30 abr. 2024.

WEISS, Fátima. **Unindo a cruz e o arco-íris: Vivência Religiosa, Homossexualidades e Trânsitos de Gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo**. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2012. (p. 95-113)

WHITE, Heather Rachele. Proclaiming Liberation: The Historical Roots of LGBT Religious Organizing, 1946–1976. **Nova Religio: The Journal of Alternative and Emergent Religions**, Vol. 11, No. 4 (May 2008), pp. 102-119.